



DESCENDENTES DE EVA: SERES CARNAIS E DISSEMINADORES DO MAL

Claudiana Faustino de Castro¹

Orientador: Rodrigo Henrique A. da Costa²

Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: prograd@uepb.edu.br

RESUMO: O artigo discute como os reflexos do sentimento antifeminista repercutem sobre o corpo feminino no século XV. Tendo em vista os teóricos misóginos e o *Malleus Maleficarum* como percussores de discursos machistas e sexistas que promoveram a marginalização sobre as particularidades da condição biológica feminina. Ao mesmo tempo em que as mulheres, conforme a teologia judaico-cristã, descendentes de Eva e causadoras do pecado original, assumiram uma figura conotativa de agentes do Satã e causadora de todos os males terrestres. Diante do contexto do fim da Baixa Idade Média, analisamos o diagnóstico das relações sobre o corpo da mulher como uma construção simbólica que enfatiza a demonização do 'segundo sexo', a inferioridade e as acusações de bruxaria e heresia.

Palavras-chaves: Corpo feminino, Marginalização da mulher, Construção simbólica, Mulher na Idade Média.

Abstract: The article discusses how the consequences of anti-feminist feeling repercussions on the female body in the fifteenth century. Considering the misogynistic theoretical and the *Malleus Maleficarum* as precursors of chauvinistic and sexist speeches that promoted the marginalization of the particularities of the female biological condition. While women, according to Judeo-Christian theology, descendants of Eve and cause of original sin, took a connotative figure of Satan's agents and causing all earthly ills. Before the context of the end of the Middle Ages, we analyze the assessment of relations on the woman's body as a symbolic construction that emphasizes the demonization of the 'second sex', inferiority and accusations of witchcraft and heresy.

Keywords: Female body. Marginalization of women. symbolic construction. Women in the Middle Ages.

¹ Graduanda em licenciatura plena em História na Universidade Estadual da Paraíba.

² Mestre em História pelo PPGH/Universidade Federal da Paraíba. Professor Substituto, Assistente, nível 1, na Unidade Acadêmica de História/CH/Universidade Federal de Campina Grande.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Mal magnífico, prazer funesto, venenosa e enganadora, a mulher foi acusada pelo outro sexo de ter introduzido na terra o pecado a desgraça e a morte. (Jean Delumeau, 1989, p. 314.).

Os discursos eclesiásticos presentes no século XV são frutos de uma intensa misoginia elaborada durante séculos no medievo, um ódio exacerbado que levaram à publicação do *Malleus Maleficarum*, violento manual de perseguição às mulheres publicado na Alemanha em cerca de 1486 pelos dominicanos Heinrich Kraemer e James Sprenger. Este artigo visará analisar os aspectos que desdobram a sacramentação da cultura antifeminista com ênfase no corpo feminino, ressaltando como o Cristianismo relacionou a figura feminina ao pecado original de Eva, declarando-a culpada de todos os males terrestres e como a sexualidade feminina está imersa em um campo de demonização, adquirindo uma linguagem simbólica que refletirá as características diabólicas como a traição, a voluptuosidade e a feitiçaria.

Culpada por trazer todos os malefícios para a humanidade, a mulher é inferiorizada e “submissa à sociedade patriarcal e vista como uma espécie de demônio, instituída pela doutrina religiosa, ou seja, responsabilizando-a pela perdição dos homens no pecado da

carne.” (DA SILVA, 2014, p.9.). A misoginia é entendida nesse artigo como fruto do pensamento eclesiástico que acreditava que a mulher era agente do Satã devido a sua descendência de Eva. Filhas de uma pecadora, as mulheres passaram a assumir a carga do pecado original.

A sexualidade feminina é marginalizada por seu carácter excêntrico, vista com medo e receio pelos mistérios que envolvia a própria maternidade, a menstruação e os órgãos genitais. Os mistérios e as obscuridades que envolvem a fisiologia feminina vão promover interpretações e superstições simbólicas a respeito desse corpo demonizado. André Candido da Silva (2014, p.12) salienta que:

A sexualidade feminina, em especial a partir do século XII, na esteira da representação do corpo feminino e todo o seu percurso com relação às práticas sociais, culturais e de poder perante a sociedade medieval, é representada, de acordo com os discursos preconceituosos, impostos sobre a mulher, com a legitimação da doutrina religiosa.

Diante do exposto acima, conclui-se que a construção simbólica sobre as mulheres está essencialmente ligada à sexualidade, tornando-as agentes da perdição, pois, foi



pelo pecado do corpo/carne que a primeira mulher pecou.

A noção de carne está associada à sexualidade, portanto, a sexualidade é subentendida como a vulnerabilidade do ser humano, a carne está mais próxima do diabo, “Satã é, portanto, o senhor do prazer.” (MURARO, 1991, p.15). Como detentoras dos prazeres carnis, a figura feminina torna-se um ser desviante da espiritualidade, da virtude da alma e de Deus. Assim sendo, lembramos que o fruto da árvore proibida era um fruto do conhecimento. Nesse sentido, a mente da mulher é limitada pelo seu próprio corpo. A respeito da relação entre mente e corpo, Roy Porter nos diz que:

Em aspectos mais importantes, esta subordinação hierárquica do corpo sobre à mente sistematicamente degrada o corpo; seus apetites e desejos são encarados como cegos, obstinados, anárquicos ou (no Cristianismo) radicalmente pecaminosos; pode ser encarado como a prisão da alma. Por isso o corpo facilmente ofende, cometendo o mal ou atos criminosos. (1992, p.303-304.)

De acordo com Roiz, “Com o ‘cristianismo’ houve uma reestruturação nos conceitos e nas práticas corporais e comportamentais daquela sociedade.” (2010, p. 608). Para Pratas (2009), a remodelação do

comportamento feminino estava sob as orientações masculinas para atender as expectativas dos mesmos. Sendo assim, a conduta imposta pelos modelos de comportamentos femininos perpassaram sob argumentos e práticas violentas, portanto, a demonização e a repressão da figura feminina através do corpo permitiu à sociedade cristã e patriarcal manter a mulher controlada sexualmente e afastada da vida pública sob tutela da figura masculina.

1.1 - A mulher e as perspectivas a partir do pecado original

A mulher é um ser predestinado ao mal. (Jean Delumeau, 1989, p.320.).

Diante da epígrafe acima, que mostra a mulher como eleita ao mal, percebemos como os homens eclesiásticos e leigos apoiavam-se no pecado original de Eva para construir uma ideologia de misoginia, solidificada no discurso antifeminista em *Malleus Maleficarum* (O Martelo das Feiticeiras). Este manual promoveu a mulher uma condição submissa e uma deterioração da figura feminina associada à bruxaria e ao pecado. Notemos a relação entre Eva e suas descendentes na conotação de Kramer e Sprenger:

[...] A razão está em que a mulher é mais carnal do que o homem, o que se



evidencia pelas suas muitas abominações carnavais. E convém observar que houve uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido ela criada a partir de uma costela recurva, ou seja, uma costela do peito, cuja curvatura é, por assim dizer, contrária à retidão do homem. E como, em virtude dessa falha, a mulher é animal imperfeito, sempre decepciona e mente. (1991, p.116).

As mulheres, filhas de Eva, são arquitetadas como portadoras e disseminadoras do mal. Percebemos que tal preconceito e machismo arraigado é uma maneira de suprimir e inferiorizar a mulher, para mantê-la longe das ideias monacais e celibatárias dos eclesiásticos e da sociedade patriarcal do medievo cristão. Dito isto, conforme Larissa Leal:

A igreja se apropriou da primeira aparição da mulher para descrevê-la como ser secundário e inferior. [...] foi a partir da criação do sexo feminino e do pecado original que os religiosos embasaram seus discursos para minimizar a mulher. (2012, p.18)

Além disso, ao longo da Idade Média e no florescer da Idade Moderna, a Igreja Católica bania as representações do corpo feminino nas pinturas e esculturas. Segundo Rodrigo Henrique da Costa em “Luz sobre o

fundo escuro: Caravaggio, São Mateus e o Anjo e Amor Vitorioso (1601-1602)”:

[A Igreja Católica] preconizava uma catequese para os “simples” e “iletrados” e para isso seria necessária (durante a Reforma) a ratificação do uso das imagens para fins de conversão utilizada com profissionalismo pelos artistas contratados pela Igreja. A catequese imagética é muito mais medieval em suas origens, remontando à solução da controvérsia iconoclasta pelo Segundo Concílio de Nicéia, em 787, fundamentando o uso dos ícones na Liturgia. Retomada no século XIV e requerida por importantes personalidades da Igreja, como São Francisco de Assis (1182 -1226) que viu o potencial que as imagens tinham para a conversão das almas perdidas para o caminho, a verdade e a vida professados por Cristo. (COSTA, 2013, P. 147).

Em mesmo sentido, Costa diz que “Robb (2005) relata que a não permissão de sujeitos despidos em retratações artísticas se deflagrava mais contra o nu feminino, sendo o nu masculino tolerado” (COSTA, 2013, P. 155). Isso mostra o quanto o corpo feminino foi execrado pelos ditames cristãos também no domínio da História da Arte.

É insigne que os eclesiásticos sempre remetem a subordinação da mulher devido ao pecado de Eva, responsável pela perda do paraíso. A incapacidade da primeira figura



feminina de resistir à tentação passa a projetar uma carga de pecadora sobre as suas descendentes. “Incapaz de resistir à tentação, pelo que é necessário submetê-la à tutela masculina. [...] ela representa a parte vulnerável [...]. Ela é responsável pela perda do Paraíso.” (NASCIMENTO, 1997, p.85-86.). “O homem procurou um responsável para o sofrimento, para o malogro, para o desaparecimento do paraíso terrestre, e encontrou a mulher” (DELUMEAU, 1989, p.314). A mulher é a culpada moral pelas danças dos homens. Portanto, a misoginia é camuflada pelos discursos religiosos para legitimar o controle sociais sobre a figura feminina, sendo aceito pela comunidade religiosa e sociedade.

Em contrapartida, a imagem de pecadora de Eva, surge a figura de Maria que seria a salvação das mulheres devido a santidade da mãe de Cristo. Símbolo de virgindade, dessa forma a castidade seria a redenção dos pecados femininos e fator de manutenção das mulheres no seio social.

A mulher ideal concebida pelo mundo medieval estava simbolizada na Virgem Maria, uma figura humano-divina que concebeu sem nunca ter tido uma relação sexual, mantendo se pura sujeita aos desígnios de Deus e reconhecida como sua colaboradora. (NAVARRO, 2007, p. 2).

O pecado original de Eva está justaposto sobre o corpo feminino, associado como um arrebatador que o diabo utiliza para possuir os homens com todos os males. Tais teorias misóginas são articuladas justamente para que a corpulência feminina estivesse vinculada ao artifício do Satã. Como causadora de todos os males devido à descendência, a mulher assumiria o papel de doméstica e submissa à sombra da custódia masculina.

[...] a religião cristã institucionalizada introduz uma grande novidade no Ocidente: a transformação do pecado original em pecado sexual. Uma mudança que é uma novidade para o próprio cristianismo, já que, em seus primórdios, não aparece traço algum de uma tal equivalência, assim como nenhum termo dessa equação figura no Antigo Testamento da Bíblia. O pecado original, que expulsa Adão e Eva do Paraíso, é um pecado de curiosidade e de orgulho. (LE GOFF e TRUONG apud ROIZ, 2010, p. 609.).

A partir do pressuposto que a primeira mulher teria pecado através de um pecado sexual, a sua sexualidade foi demonizada, associada à luxúria, à prostituição e à perversão da alma. Concluimos que, como detentora do artifício do Diabo, era preciso submetê-las à vigilância e custódia da sociedade cristã e machista, além de



“Controlar a sexualidade feminina, seus gestos, suas práticas, sua conduta na sociedade passaria a ser uma questão mediada pela Igreja e aceita pela sociedade.” (ROIZ, 2010, p. 609.).

1.2 - As perspectivas sobre o corpo feminino.

O corpo feminino imediatamente atraente, mas profanado, desejável, mas perigoso. (Roy Porter, 1992, p. 323.).

O corpo feminino remete à sua natureza biológica exótica e misteriosa. No século XV, não havia conhecimentos suficientes sobre tal aspecto biológico, era um campo ignorado por receio e até medo. Presa a sua condição biológica, a mulher designava o papel biológico e materno já que não tinha controle sobre o seu próprio corpo³ “devido às gestações sem fim que os maridos egoístas forçaram sobre elas [...]”. (PORTER, 1992, p.316). Nesse âmbito fechado e de estreita hostilidade do homem para com o ‘segundo sexo’, a fisiologia da segunda parte é carregada de mistérios, crendices e obscuridades. É necessário observar que isso vem da tradição judaico-cristã, elaborada durante séculos desde o advento do Cristo.

³ A prisão e limitação da mulher são subentendidas nesse artigo sob o aspecto símbolo fruto da marginalização do seu corpo, além do controle da natalidade, porque no contexto histórico apresentado, os métodos concepcionais estavam à sombra do domínio masculino, isto é, a interrupção do coito citado na Bíblia.

O corpo não é entendido, nesse contexto, como um mero relato sobre o físico, mas as linguagens conotativas através das fisiologias femininas que inspiram o discurso de misoginia, tendo em vistas os reflexos que possibilitaram a exclusão e a marginalização a partir desse pressuposto de construção simbólica. “O corpo deve ser encarado, não como um objeto de ‘carne e osso’, mas como uma ‘construção simbólica’.” (SULEIMAM apud PORTER, 1992, p. 297).

A partir do pressuposto acima, salientamos que o corpo feminino adquiriu uma linguagem simbólica perpassando uma imagem diabólica, mascarando a subordinação do chamado “sexo fraco” à tutela masculina, “o sexo forte e legitimado”.

Os aristotélicos, liderados por Tomás de Aquino, forneceram, no período medieval, a justificação teórica para a limitação da mulher e sua sujeição ao sexo forte. (...) **condenou a mulher a carregar continuamente a prova de sua malignidade, justificando as atribuições que o sistema simbólico dominante lhes imputou como integrantes de sua “natureza” – ela é a tentadora, cuja lubricidade afasta os homens da salvação de sua alma. No jogo de dominação, a mulher, sujeito dominado, representa um perigo para a masculinidade.** (LIEBEL, 2004, p.6-7). (Grifo nosso).



O corpo feminino deflagrava essa volúpia, mas por outro lado, era rechaçado e profanado, caracterizando o reflexo de uma sociedade devota dos discursos eclesiásticos, tidos como autênticos e incontestáveis. O medo e o ódio pela linguagem carnal que o corpo exprime vai caracterizar a sociedade medieval, avivados no século XV:

Foi na Idade Média mais precisamente nos mosteiros e conventos que surge o pensamento que norteará todo esse período histórico – de que o corpo deveria ser odiado e negado, de que trazia estampado em si a evidência do pecado e a necessidade de se retirar do mundo para um local de contemplação como negação da finitude presente no corpo e no mundo como consequência do pecado original. (NAVARRO, 2007, p.6.).

A maternidade implicou a mulher um lugar mais próximo à matéria do que o homem, devido à ligação com a fertilidade e perpetuação da espécie com o elemento Terra, ou seja, ambas são ventres nutridores. A maternidade é a singularidade e marca registrada do ‘segundo sexo’, porém, é utilizada com alicerce de que a mesma que dá a vida provoca a morte através dos pecados carnis. “[...] visivelmente ‘perecível’ [...] O dorso, os seios ou o ventre já são podridão.” (DELUMEAU, 1989, p.312.). A relação de

ambiguidade entre o poder da fertilidade e detentoras do mal vai promovê-la como símbolo da sexualidade, todavia, também a escravizar como culpada e pecadora.

Como a maternidade é um símbolo feminino e importante para a humanidade devido à responsabilidade de continuação da linhagem, alguns teóricos tentaram distorcer a relevância da mulher como procriadora, criando discursos que vão promover ao ventre a categoria de simples recipiente. “ela [a mulher] é subtraída até mesmo em sua natureza biológica, já que a incultura científica da época ignora a existência da ovulação, atribuindo a fecundação apenas ao sexo masculino.” (LE GOFF e TRUONG apud ROIZ, 2010, p. 609.).

São Tomás de Aquino baseou-se no sistema aristotélico para afirmar que apenas o homem desempenha um papel crucial e positivo na geração, enquanto a mulher cabe o papel de receptáculo. Dessa forma, a mulher tem necessidade do homem até para gerar, como os animais.

Agora, parir é ato que não está mais ligado ao sagrado, e é, antes, uma vulnerabilidade do que uma força. A mulher se inferioriza pelo próprio fato de parir, que outrora lhe assegurava a grandeza. A grandeza agora pertence ao homem, que trabalha e domina a natureza. Ela é ligada a natureza, à carne, ao sexo e ao prazer, domínios que têm de



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ser rigorosamente normatizados: a serpente, que nas eras matricêntricas era o símbolo da fertilidade e tida na mais alta estima como símbolo de sabedoria, se transformar no demônio, no tentador, na fonte de todo o pecado. (MURARO, 1991, p.11-12.). (Grifo nosso).

A menstruação adquire um significado de corrupção moral e destruição vegetativa. A mulher no período menstrual perpassa um carácter impuro e perigoso, capaz de trazer inúmeros malefícios para a terra. Acreditava-se que o sangue menstrual impedia a germinação das plantas, matando a vegetação, provocava a oxidação do ferro e a raiva nos cães. (DELUMEAU, 1989).

Os órgãos genitais do ‘segundo sexo’ não são mencionados nas fontes pesquisadas, como exemplo, o *Malleus Maleficarum*, “Para conservarem o poder do silêncio têm o hábito de esconder objetos supersticiosos nas roupas e nos cabelos, até mesmo nas partes mais secretas do corpo, cujo nome não nos atrevemos a mencionar.” (1991, p.437.). Concluímos que as partes íntimas não eram relatadas por receio e pelo valor simbólico que representa como artifício do diabo para o homem cair em tentação.

Além dos medos provocados pelo desconhecimento sobre a vagina, os discursos de aversão e preconceito se acentuaram com os argumentos de Santo Agostinho e São

Tomás de Aquino, o primeiro afirma que o corpo feminino é tão sexuado que será um empecilho para o exercício da razão, enquanto Tomas de Aquino afirma que a mulher é um macho deficiente devido à falta de um pênis, consolidando a ideia de que só existe um único sexo, o masculino. Observamos que ambas as partes reforçaram a inferioridade da fisiologia feminina.

De acordo com Aristóteles e seus seguidores, as mulheres eram machos defeituosos ou monstruosos, seres nos quais a genitália (designada para ser o lado exterior do corpo), por falta de calor ou de força, falhou na extrusão. Com sua natureza mais fria e mais fraca, e sua genitália contida internamente, as mulheres eram essencialmente equipadas para criação de filhos [...]. (PORTER, 1992, p.316).

Em vista disto, e observando a conjuntura dos discursos medievais, analisamos que a própria bruxaria está associada à carne porque é por meio desse objeto que Satã domina o ser humano. Acreditava-se que a voluptuosidade do corpo feminino possibilitava recursos para se tornarem agentes do demônio por excelência, por exemplo, a credence de que as feiticeiras copulavam com os demônios para ganham a força mágica. “Toda bruxaria tem origem na cobiça carnal, insaciável nas mulheres.”



(KRAMER e SPRENGER, 1991, p. 121). A associação da bruxaria à carne está intimamente ligada aos controles sobre a sexualidade e o corpo feminino, desta forma, a própria Inquisição serviu como uma maneira de mascarar o controle sobre os corpos femininos. Reflitamos a passagem, abaixo:

A construção de uma moral condicionada ao combate dos vícios e à manutenção do controle das filhas de Eva, ultrajadas por seu sexo, propõe meios de controle dos vícios femininos, dentre os quais se destacam a vaidade, a luxúria, a insubordinação e a prática de magia, a fim de moldarem-se as damas segundo as orientações de seus senhores. A mulher poderia subtrair suas culpas como castidade ou, para aquelas casadas, com a moderação da conduta sexual, destinada exclusivamente à reprodução. (LIEBEL, 2004, p. 17-18.)

Concluimos que ao longo do século XV, o corpo feminino foi conjugado como artefato do Satã para corromper as almas, porém que ao mesmo tempo, há uma intensa valorização da castidade como redenção dos pecados, onde a mulher conseguiria estar mais próxima a Deus. Nesse sentido, as mulheres ganharam mais notoriedade quando seguirá o exemplo de Maria abraçando a vida religiosa. “A vida religiosa oferecia a mulher medieval um lugar de proteção e importância – pois era

dentro da religião que passavam a existir.” (NAVARRO, 2007, p.2).

1.3 - *Mente versus* Corpo: o controle da natureza diabólica

Segundo Roy Porter em seu artigo História do corpo, a distribuição de função e relevância do corpo e da mente, difere quanto ao contexto político e sociocultural. Isto é, os indivíduos e a cultura atribuem significados ao corpo e a mente de acordo com as percepções da esfera vigente. No presente contexto, de forte religiosidade e intensa credence sobre os perigos da carne, o corpo e a mente não são vistos como uma unidade, o primeiro representa a carne enquanto o segundo diz respeito à racionalidade e espiritualidade. Ressaltando que os corpos ligados ao pecado original adquiriram uma posição inferior em relação à mente.

Os teóricos misóginos afirma que em razão da vulnerabilidade aos prazeres carnis, as mulheres não são aptas ao exercício da razão para assimilar sabedoria ou chegar a plenitude da virtude. Jean Delumeau salienta sobre a posição de Santo Agostinho:

Todo ser humano, declara ele [Santo Agostinho], possui uma alma espiritual assexuada e um corpo sexuado. No indivíduo masculino, o corpo reflete a alma, o que não é o caso da mulher. O homem é portanto plenamente imagem



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

de Deus, mas não a mulher, que só o é por sua alma e cujo corpo constitui um obstáculo permanente ao exercício de sua razão. Inferior ao homem, a mulher deve então ser-lhe submissa. (1989, p. 317).

Em razão da fragilidade inerente à sua constituição, a mulher deve ser vigiada para não ceder ao demônio. “Por serem mais fracas na mente e no corpo, não surpreende que se entreguem com mais frequência aos atos de bruxaria.” (KRAMER e SPRENGER, 1991, p.116.). A contraposição de que a mulher seria puramente carnal e que o homem representa uma personificação da razão, um ser divino e mais próximo de Deus, porque nas concepções Cristãs, o filho de deus é representando corporalmente como a cabeça do corpo da Igreja:

[...] O sistema cristão de metáforas corporais repousa sobretudo no binômio cabeça/ coração. O que dá toda força a essas metáforas nesse sistema é o fato de que a Igreja, sendo comunidade de fiéis, é considerada um corpo do qual Cristo é a cabeça. (LE GOFF e TROUNG apud ROIZ, 2010, p. 610.).

A glorificação do corpo e mente masculina diante da marginalização de tudo que se refere à mulher, perpassa uma questão preconcebida da Igreja Católica, ditando os lugares sociais e simbólicos que cada sexo deveria ocupar, magnificando os gerentes do

‘patrimônio terrestre de Deus’, ressaltando que tal instituição era dirigida por homens celibatários. Como é no caso de Cristina de Pisano que era poeta e pioneira do feminismo e defensora do amor mas que não obteve o prestígio social diante do seu talento, a condição de mulher lhe implicava uma categoria inferior. Roiz explicita sobre a tensão entre o corpo masculino e o feminino:

A ‘tensão’ entre um corpo feminino ‘diabolizado’ e um corpo masculino ‘endeusado’ ficaria latente no período, porque de início o corpo na Idade Média foi renunciado. Controlar a sexualidade feminina, seus gestos, suas práticas, sua conduta na sociedade passaria a ser uma questão mediada pela Igreja e aceita pela sociedade. Mesmo assim, o próprio corpo feminino não deixou de também ter ‘tensões’ entre o bem (a procriação, a virgindade de ‘Maria’, a castidade e o cuidado com a família) e o mal (a sexualidade, a prostituição, a luxúria e a perversão da alma), porque “o culto do corpo da Antiguidade cede lugar, na Idade Média, a uma derrocada do corpo na vida social” (2010, p.609.).

Segundo o exposto acima, entendemos que a tensão com relação à sexualidade feminina perante a aquisição de saber torna-se uma questão eclesial presente no século XV. A beleza da sexualidade feminina pesará como arquétipo de pecado a qual conduzirá ao



encontro com Satã, o corpo, nesse sentido, é um empecilho para o exercício da sabedoria tanto para a mulher como para o homem que cobiça tal corpo. Ressaltando a importância da figura de Maria que teve no contexto do lugar da mulher religiosa e casta na sociedade, pois, a mulher que dedicava a sua vida ao Senhor tinha mais possibilidade de ser aceita dentro da sociedade, já que seu corpo estava controlado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensamos o corpo, neste artigo, como uma percepção arquitetada pelo contexto cultural vigente que permitiram uma criação de linguagens depreciativas sobre o corpo feminino. Percebemos que as teorias machistas conduziram a comportamentos de vigilância sobre a mulher. Os controles sobre tal corpo foram difundidos por práticas e argumentos violentos que perpassam por ideias estereotipadas dentro do contexto vigente, levando a legitimar a mulher como ser profana e dada a tutela masculina.

Em contrapartida à inferiorização das descendentes de Eva, surge a valorização de Maria como símbolo de santidade e Castidade, modelo que as mulheres deveriam seguir a fim de compensar seus pecados. Então, o corpo feminino como empecilho para emancipação da alma, devido a sua

voluptuosidade, passa a ser tolerado desde que esteja dominado e subjugado ao domínio e interesse da Igreja. Neste sentido, percebemos que tal corpo necessita de um controle moral e social para ser aceito.

A relação entre *corpo* e *mente* está conectada com a cultura antifeminista para promover a mulher como um ser desprovido do discernimento justamente pelo seu 'corpo profanado e vicioso' que impedia a harmonia da sabedoria advinda de uma figura feminil. A superioridade da mente masculina provém do discurso religioso que visar legitimar a imagem do homem ao Criador, e a mulher como semelhante do diabo, devido à iniquidade de Eva. Assim, salientamos que a diferença entre mente e corpo baseia-se nesses pressupostos: a superioridade do homem como possuidor das virtudes e dos exercícios racionais perante à inferiorização da mulher como detentora do corpo que proporciona prazeres carnis insaciáveis impedindo-a o exercício do discernimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Rodrigo Henrique A. da. *Luz sobre o fundo escuro: Caravaggio, São Mateus e o Anjo e Amor Vitorioso (1601-1602)*. Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA, João Pessoa, 2013. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/5999>



[?locale=pt_BR](#) . Acesso em 21 de fevereiro de 2016.

DA SILVA, André Candido. *História das mulheres na idade média: abordagens e representações na literatura hagiográfica (século XII). IV Congresso Internacional de História: Cultura, Sociedade e Poder*. Jataí, ano 4, set. 2014. Disponível em <http://www.congressohistoriajatai.org/>.

Acesso em 15 de fev. 2016.

DELUMEAU, Jean. *Os agentes do Satã: III. A mulher*. In: _____. *História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. Tradução de Maria Lucia Machado e Heloísa Janh. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 310- 349.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O martelo das feiticeiras*. Tradução de Paulo Fróes. 6. Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1991.

LEAL, Larissa do Socorro Martins. *As várias faces da mulher no medievo*. Web Revista Linguagem, Educação e Memória. Batayporã, Eliane Maria de Oliveira Giacon, n.3, dez. 2012. Disponível em: <<http://www.giacon.pro.br>>. Acesso em 02 fev. 2016.

LIEBEL, Silvia. *Demonização da mulher: A construção do discurso misógino no Malleus Maleficarum*. Curitiba: UFPR, 2004. 78 p.

(monografia). Disponível em: <http://www.historia.ufpr.br/>. Acesso em 200 mar. 2016.

NASCIMENTO, Maria Filomena Dias. *Ser mulher na idade média*. In: Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB. Brasília, V.5, n.1, p.82-91. 1997. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/>>. Acesso em 15 jan. 2016.

NAVARRO, A. R. B. *Construção da Identidade corporal (feminina) mediada pela experiência religiosa*. In: III Congresso Internacional de Ética e Cidadania, 2007, São Paulo. Publicada sob o ISBN 978-85-99019-08-5, 2007.

PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992. p. 291-326.

PRATAS, Glória Maria D. L. *o corpo feminino na arte medieval*. In: Mandrágora, São Paulo, Vol. 15, No 15, p. 117-124. 2009. Disponível em: <http://www.metodista.br/>. Acesso em 21 de mar. 2016.

ROIZ, Diogo da Silva. *O corpo no Ocidente medieval*. In: Estudos Feministas, Florianópolis, 18(2), p.607-623, mai-ago. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/>. Acesso em 07 mar. 2016.